

VICENTE

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

José Camões
TEMPOS

Quimera

LISBOA 1991 | e-book 2005

Circunstâncias de representação

Tempos é um auto religioso representado em espaço sagrado, a capela de São Miguel nos paços da Alcáçova, como *Pastoril Castelhana* e *Reis*, talvez integrado no ofício litúrgico das *matinas do Natal*. Nem as rubricas da *Copilaçam* nem o texto do auto fornecem elementos que permitam datar a representação.

A corte habita o paço do Castelo de São Jorge até Outubro de 1505. Nesse ano o rei sai de Lisboa e só regressa em 1511, fixando-se no paço de Santos. No entanto, não é forçoso que a primeira representação tenha ocorrido em moradia real, e a menção *per mandado da sobredita senhora* (D. Leonor) pode querer dizer que o auto foi representado em casa da antiga rainha.

O único dado seguro é que foi representado num Natal anterior a 1521, ano da morte de D. Manuel. Sabe-se que a corte passou em Lisboa os Natais de 1503, 1504, 1511 e 1516, os dois primeiros no paço da Alcáçova. Braamcamp Freire (1919, 1944: 154) põe a hipótese de haver erro na designação do local, pois o Natal de 1504 fora ensombrado pela morte de Isabel a Católica e 1503 parece muito cedo para um auto tão complexo. Inclino-me para a data de 1511, mais próxima da execução de *Fé* e de *Pastoril Castelhana*, de cujos versos há bastantes reminiscências em *Tempos*, para além de todas as expressões do saiguês, artifício linguístico que Gil Vicente já quase não utiliza em autos posteriores, empregando-o apenas em *Viúvo*, como disfarce rústico, e em *Inverno e Verão*, que retoma figuras de *Tempos*. É de salientar que o texto do auto vem em sexto lugar na *Copilaçam*, que parece ordenar os autos cronologicamente, logo a seguir a *Fé* (1510?). Por outro lado, trata-se ainda de um auto pastoril: as figuras são pastores, inclusivamente o rei David.

A didascália que apresenta o auto diz assim:

Esta seguinte obra se chama dos quatro tempos, foi representada ao mui nobre e próspero rei dom Manoel na cidade de Lisboa, nos paços d'Alcáçeva na capela de sam Miguel, per mandado da sobredita senhora sua irmã nas matinas do Natal.

Esta rubrica inicial pode rimar com as de *Pregação* (*Sermão feito à cristianíssima rainha dona Lianor e pregado em Abrantes ao muito nobre rei dom Manoel*) e *Alma* (*Este auto presente foi feito à muito devota rainha dona Lianor e representado ao muito poderoso e nobre rei dom Emanuel*), onde são nomeados a patrocinadora e o obsequiado.

Tempos é um projecto encomendado pela *rainha velha*, irmã do rei, como o tinham sido, e continuariam a ser, quase todos os autos apresentados até 1525, ano da sua morte. O facto de o teatro na corte portuguesa das primeiras décadas do século XVI acontecer como parte integrante de uma festa mais alargada, como o Natal ou um casamento real, limita-lhe o campo temático, mas, por outro lado, faz desenvolver mecanismos que permitem a repetição

sem o perigo da monotonia. Assim, para além de ser um divertimento, o teatro tinha de servir um propósito e satisfazer exigências. Estes pastores que surgem em *Tempos*, mascarados de estações do ano, já pouco têm a ver com os pastores que povoaram os autos de Gil Vicente na sua primeira década de trabalho teatral. No entanto, a diferença apresenta-se só na imagem, já que a função dramaturgica é a mesma: numa noite de Natal, interromper ou dar fim a uma missa, adorar o presépio numa capela real, perante assistência que os reconhece, e integrar-se, em comunhão com os espectadores, numa festa que se está celebrando.

O texto do auto encontra-se no livro primeiro, o das *obras de devaçam*, da *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente* de 1562 (015- 020). O título do livro não designa género, como os três que se lhe seguem, *comédias*, *tragicomédias* e *farsas*, e engloba objectos de estruturas e assuntos muito diversos. A especificidade de *Tempos* é de tal maneira marcada que a crítica é unânime em reconhecer a sua singularidade no teatro ibérico do século XVI, divergindo, contudo, na classificação do auto. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1923, 1949: 326) chama-lhe, bem como a *Feira*, *Auto sacro-profano e quasi-comédia* por incluir num auto de devoção *actores deuses pagãos*. António José Saraiva (1942, 1981: 76) coloca-o na *linha divisória entre a alegoria e a moralidade*. Para Eugenio Asensio (1949: 375), o auto constitui uma *laude escenificada*. Manuel Delgado-Morales (1988: 39) apresenta-o como um *sermón alegórico representado*. Na classificação que Gil Vicente fez da sua obra no *Prólogo de Duardos*, de 1586 – *moralidades*, *farsas* e *comédias* – é óbvio que o presente auto pertence à primeira categoria.

Acções

Na enumeração que faz das figuras do auto, a rubrica inicial omite o Arcanjo, os dois Anjos e David. A exclusão das três primeiras pode ser justificada pela sua indicação logo na linha seguinte, ou pelo facto de não serem personagens com discurso próprio e se encontrarem no auto com a missão exclusiva de executantes de canto para quatro vozes, acompanhadas pelo Serafim. Em *Cassandra* (1513?) também existe canto para quatro anjos, na adoração do presépio. A omissão do rei pastor pode dever-se a esquecimento ou a falta de atenção do editor.

Entram primeiro um Serafim, um Arcanjo e dois Anjos. O Serafim comenta o nascimento de Cristo, glorifica a Virgem Maria, que passa a ser a figura central do discurso, e convida os companheiros a irem adorar o presépio, o que eles fazem cantando um vilancete que parafraseia o *Te Deum*. Funcionando como um ciclo, eventual reflexo do ciclo das estações, o auto irá terminar com a entoação desse cântico por todas as figuras. Em seguida, entram, uma de cada vez, as quatro estações do ano que declaram os seus sinais de identificação: o Inverno queixa-se do mau tempo e dos efeitos que a

chuva, o vento e o frio produzem no seu corpo e alma, impossibilitando-o para o amor. Para dar lugar à estação que se segue, o Inverno deita-se e dorme, em busca de algum conforto. O Verão (ou seja, a Primavera) entra expulsando verbalmente o mau tempo (*afuera afuera ñubrados*), declara-se reinante efêmero (*hasta que venga el estío*) da época do amor e da pujança da natureza. A passagem para a estação seguinte é feita através de um jogo semântico que faz equivaler o tempo que levou a proferir as seis estrofes do seu discurso com os três meses da sua existência (*y después d'éstos complidos \ es por fuerza que me calle*). O Estio (o Verão) descreve os sintomas das febres provocadas pelo calor excessivo e os efeitos nefastos que tem sobre a natureza e a produção agrícola. Por fim entra o Outono, que não tem uma entrada semelhante à das outras estações. É anunciado pelo Verão e pelo Inverno e, sem discurso de apresentação, refere a apanha da fruta como marca específica. Penso que se perderam versos na fixação que Luís Vicente fez do texto do pai.

As quatro figuras travam uma breve discussão sobre as suas características e sobre o ciclo natural. O diálogo é cortado pela aparição de Jupiter que inicia um monólogo onde dá por terminado o império dos deuses pagãos (*el tiempo mentiroso \ de los dioses triunfantes \ pierde el tino*) e constitui uma interessante antecipação da estrofe 82 do Canto X de *Os Lusíadas* (*Aqui só verdadeiros gloriosos \ divos estão porque eu Saturno e Jano \ Jupiter Juno fomos fabulosos \ fingidos de mortal e cego engano*). No final do seu discurso, o pai dos deuses convida os Tempos a acompanhá-lo até ao presépio para adorarem o novo Deus. No seu discurso de adoração, Jupiter apresenta-se como enviado cósmico que vem prestar vassalagem ao deus verdadeiro, em nome do universo. Seguem-se as adorações por parte do Inverno, do Verão e do Estio (ter-se-á perdido a do Outono?), que repetem a sua apresentação, atribuindo desta vez a Deus a sua existência. Finalmente entra David, o rei pastor que, depois de uma oração composta por tradução e glosa do *Benedicite* e dos salmos 120 e 84, que Mário Martins (1971, 1982: 119, 122-124) identificou como correspondentes às *horas tertia e prima do Ofício Menor da Virgem Maria*, cujas *matinas terminavam com o Te Deum*, se apresenta para adorar Cristo e oferecer-lhe o seu coração contrito. Gil Vicente utilizará mais tarde, em *História de Deos*, a mesma figura em situação discursiva idêntica, recitando passagens de salmos que lhe eram atribuídos.

É fácil reconhecer neste auto uma técnica teatral cara ao autor, o desfile. As personagens têm todas um percurso idêntico: entrada, discurso, movimentação até ao presépio, adoração de Cristo. Apesar de constituírem números soltos, as cenas e as figuras mostram-se em adição e não em sucessão, como acontece noutros autos de Gil Vicente onde as personagens cumprem um programa e saem. São partes que se juntam para formar um todo, o seu significado não se esgota na singularidade, mas, pelo contrário, alarga-se na construção de um conjunto, como é próprio da alegoria.

Materiais

Como referi antes, Gil Vicente poderia ter trabalhado anteriormente no espaço onde fez representar *Tempos*. Esse conhecimento prévio dos materiais disponíveis pode ter interferido na elaboração do novo projecto. Assim, é admissível que contasse já com um presépio, pintado ou esculpido, pré-existente na capela, como os textos de *Pastoril Castelhana* e *Reis* parecem indicar. Mas, no teatro de Gil Vicente também há exemplos de presépios representados por actores. É o caso de *Mofina*, onde a Virgem Maria é personagem do auto e o menino Jesus chora (*Em este passo chora o menino que está num berço*). A sobreposição de espaço representado – Belém – e espaço de representação – Portugal – é paralela à do tempo (ano um e princípio do século XVI) e repete-se em vários autos.

Se cada personagem for desempenhada por um actor, Gil Vicente necessitou de dez actores e um presépio.

Os versos são em redondilha maior, interpolados com versos de pé quebrado. Há uma multiplicidade de formas estróficas. O Serafim e Jupiter utilizam a mesma estrutura métrica e o mesmo esquema rimático, de modelo manriquenho. As estações não usam um modelo único, embora a tendência seja a oitava de rima abbaacddc. David declama em décimas, encaixadas por duas estrofes de doze versos.

A distribuição de versos por estação do ano é muito irregular: antes da chegada de Jupiter o Inverno tem 56 versos, o Verão 71, o Estio 38 e o Outono 13. Na cena da adoração, o Inverno recita duas estrofes, o Verão cinco, o Estio uma e o Outono nenhuma, o que faz pensar ter-se perdido o texto desta figura. Não há indicação de que cante a solo, nem teve monólogo de entrada em cena.

Como é hábito no trabalho do autor, também em *Tempos* a música tem um papel de relevo. Não sei se terá havido música puramente instrumental, mas a declamação dos versos é acompanhada, ou intervalada, por cantigas que contribuem para a caracterização das personagens, como as paralelísticas cantadas uma pelo Inverno e outra pelo Verão. A *cantiga francesa*, entoada pelas estações e por Jupiter, preenche o percurso das figuras até ao presépio. A par destes modelos musicais existe música de circunstância: um vilancete cantado pelos Anjos e o *Te Deum* final. Ponho a hipótese de as cinco décimas de David terem sido cantadas, se tomarmos os versos que as antecedem como anúncio de acção:

*y también quiero tocar
y cantar
con mi saltero alegrías
en tono de profecías
mientras me vaga lugar
y luego os adorar*

019d

A cantiga do Inverno foi recuperada por Hugo Wolf e está incluída no seu *Spanisches Liederbuch*. A cantiga francesa, apenas indicada pelos primeiros versos, *Hay de le noble \ villa de Pariz*, figura no *Cancionero musical de los siglos XV y XVI* de Barbieri, com o número 429. Há outros exemplos de música francesa no teatro de Gil Vicente. Em *Fé*, os actores *cantam a quatro vozes ùa enselada que veio de França* (015d).

A língua do auto é o castelhano. Há alguns versos em latim e a indicação da já citada cantiga francesa. No castelhano estão incluídos alguns traços do saiaaguês com o propósito de marcar a fala rústica, pois os Tempos vêm em figura de pastores. O próprio rei David não escapa a essa caracterização, apesar de o seu nível de linguagem, com citações de textos bíblicos, ser mais solene do que o das estações. A linguagem mais obscura, e talvez mais nova para os espectadores, é a de Jupiter. As referências à cultura clássica contidas no seu discurso não eram certamente do domínio público e o efeito pretendido seria o de causar espanto e admiração através de um saber erudito. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1923, 1949: 335-351) ocupou-se largamente desse discurso e clarificou as alusões.

Tempos encontra-se entre o número de obras em que o autor escolheu a língua do reino vizinho para trabalhar. Quase todos os autos da primeira década do trabalho teatral de Gil Vicente são em castelhano. Vários estudiosos têm tentado encontrar uma explicação para o bilinguismo do autor e perceber as circunstâncias que levaram à escolha de determinada língua, apontando razões tão diversas como a adequação da forma ao conteúdo, a imitação de um modelo, uma forma de *captatio benevolentiae* ante uma elevada percentagem castelhana do público, ou a nacionalidade dos actores. Nalguns autos de Gil Vicente, a língua estrangeira serve uma função representativa e é agente de verosimilhança, como, por exemplo, em *Fama*, onde as personagens *o castelhano, o italiano, o francês e a fama portuguesa* falam nas suas línguas maternas. Noutros autos, o poeta explica a utilização de uma língua que não é a sua. É o caso enigmático de *Inverno e Verão*, onde o *autor*, que é personagem, apresenta o Inverno da seguinte maneira:

*o inverno vem salvagem
castelhano en su dezir
porque quem quiser fingir
na castelhana lingoagem
achará quanto pedir.*

Interpreto o verbo *fingir* como indicador de teatro, o que implica que para o autor a língua castelhana fosse, por excelência, a língua do teatro. No entanto, não posso pôr de parte a ironia que a ambiguidade de *fingir* comporta e ignorar uma alusão à pouca seriedade ou sinceridade dos castelhanos.

Gil Vicente faz representar *Tempos* em castelhano como todo o seu teatro religioso anterior o havia sido e para esse teatro podemos ver na imitação de

um modelo, os versos de Juan del Encina, o motor da escolha. Em *Tempos*, encontramos-nos diante de um auto ímpar que não parece seguir, nem criar, modelo nenhum. Por outro lado, as fontes directas de algumas partes do auto são castelhanas. Em 1949, Eugenio Asensio identificou-as: a tradução que Fray Vicente de Burgos fez da *Enciclopedia de Anglicus (El Libro de proprietatibus rerum)* e o poema *Coronación* de Juan de Mena. Ao mesmo tempo vê na representação do auto uma dramatização do *Ofício de Nossa Senhora que se reza no advento*. Gil Vicente teria tido à disposição Livros de Horas que o inspirassem.

Metáforas e alegorias

Nos cerca de cinquenta autos de Gil Vicente há personagens recorrentes, que são utilizadas num auto e voltam a aparecer noutros posteriores. Mas as reaparições não são todas da mesma ordem. Há um grupo de figuras, como as que não são designadas por um nome próprio, que se repetem sem serem as mesmas, ou seja, o frade pregador de *Fadas* não é o mesmo de *Frágua* nem de *Mofina*, nem sequer os Joanes parvos são os mesmos nos vários autos. Caso excepcional é Pero Marques, de *Inês*, quando reaparece como protagonista de *Juiz*. Outro grupo é o de entidades fabulosas, como anjos e diabos, que, apesar de serem sempre diferentes nos diversos autos – com excepção dos autos com barcas –, representam uma só figura que existe no imaginário do público. Uma outra classe de personagens que se repetem é a das mitológicas. É em *Tempos* que Jupiter e David são figuras de novidade, regressando à cena em autos posteriores, o primeiro em *Cortes* (1521) e em *Frágua* (1525?), o segundo em *História de Deos* (1527?), e pela primeira vez no teatro de Gil Vicente são representadas as estações do ano. O Inverno e o Verão (Primavera) voltarão a ser corporizados em *Inverno e Verão*, cerca de vinte anos mais tarde (1529). Alguns versos são aproveitados, como é o caso da estrofe de apresentação do Verão, apenas com ligeiras variantes e o corte de dois versos: o de pé quebrado, mais próprio de natividade, e o último, que anuncia uma nova sequência do auto a que pertence.

<i>Tempos</i>		<i>Inverno e Verão</i>	
<i>afuera afuera ñubrados nebrinas y ventisqueros reverdeen los oteros los valles sierras y prados reventado sea el frío y su ñatío salgan los nuevos vapores píntese el campo de flores hasta que venga el estío</i>	017b	<i>afuera afuera ñublados ñeblinas y ventisqueros reverdeen los oteros los valles priscos y prados sea el frío reventado salgan los frescos vapores píntese el campo de flores alégrese lo sembrado</i>	181a

Pode tratar-se de memória que recupera trabalho anterior ou corresponder a uma glosa de poesia quinhentista não identificada. A caracterização do Inverno nos dois autos também se assemelha. Usa um discurso na primeira pessoa, enunciativo dos sinais da estação do ano representada. Em *Tempos* é um *pastor* e em *Inverno e Verão* é um *salvagem, pastor de las tempestades*.

A construção da alegoria é idêntica em todas as personagens/estações de *Tempos*. As personagens identificam-se ou são identificadas por outras. O espectador não tem sobre elas um saber imediato. A rubrica que introduz o Inverno esclarece o leitor: *um pastor que significa o Inverno*. Sobre a aparência do Estio, a didascália é mais generosa: *ũa figura muito longa e muito enferma muito magra com ũa capela de palha*. Do Verão presume-se que traga consigo flores, se lermos o verso *por eso vengo florido* como referente a uma realidade céptica. Não se sabe se o espectador reconhecia as figuras apenas pelo aspecto. É possível pensar que sim, pois a iconografia e a arquitectura medievais representam frequentemente entidades espirituais e abstractas, e isso pressupõe uma capacidade específica de interpretação nos observadores que facilita o reconhecimento.

Por outro lado, temos figuras das mitologias pagã e judaico-cristã: Jupiter e o rei David. Não existe nenhuma informação sobre a caracterização física destas personagens, não sabemos como iam vestidas nem que adereços utilizavam. Como no caso anterior, não se pode ter a certeza de que o público as identificasse imediatamente. No entanto, o discurso de Jupiter não deixa lugar para dúvida: aqueles versos (*yo vengo de las alturas*) com tantas referências ao mundo clássico só podem ser proferidos pelo antigo regente do Olimpo. É um modo mais elaborado de criar uma alegoria, pois o autor parte de personagens míticas, não necessariamente alegóricas, e transforma a sua essência numa lição que o público tem de aprender. Assim, a personagem revela-se uma alegoria, não por si mesma, mas sim pela acção que pratica.

Noutros autos de Gil Vicente, várias figuras alegóricas iniciam o seu discurso com uma apresentação reveladora da sua identidade expressa nas palavras *eu sou*. É a forma mais fácil e imediata de o espectador as identificar, como por exemplo a Fé, no auto com o mesmo nome, ou a Verdade em *Festa: pastores eu sam a Fé*, e *eu sam a Verdade*. Em *Tempos* isso não acontece. Se a alegoria precisa de um referente no mundo do espectador, é ao saber litúrgico que Gil Vicente recorre para fazer passar a sua construção alegórica. E com estas personagens já não estamos perante uma alegoria que recorre aos signos pictóricos e convencionais, mas sim uma alegoria que se vai construindo no discurso e na representação do auto. Não é a figura de Jupiter em si que serve uma metáfora, mas sim a adoração que presta a Cristo recém-nascido. Essa obediência traduz o fim do mundo antigo. David é personagem importante do Antigo Testamento, protagonista da doutrina judaica. O anacronismo que torna contemporâneos Cristo e David não é obstáculo para a mensagem que a alegoria pretende transmitir. Noutros autos, são pastores do século XVI que

se deslocam ao ano um para adorar o Cristo recém-nascido, numa clara mensagem de intemporalidade. A representação da adoração do presépio pode ter intuídos pedagógicos junto dos judeus em Portugal. Gil Vicente é um oficial da corte, e o seu teatro muitas vezes assume a missão de veicular a lei e a política real.

Entendendo por alegoria a comparação de uma realidade de carácter abstracto com um termo metafórico concreto, visível, Gil Vicente conseguiu nesta sua moralidade, através de mecanismos que foram novidade no seu tempo, transpor para o plano metafórico a verdade cristã. Depois de um prólogo que dá o tom da representação, o *Te Deum* dos Anjos, o autor introduz dois níveis de significação: um microcosmos, recriado pelas quatro estações, que simboliza o mundo mais próximo do homem, o mundo natural; e um macrocosmos representado por mundos culturais, o clássico, personificado em Jupiter, e o bíblico, corporizado em David. Encena-se uma espécie de início da cristandade: o nascimento de Cristo, ao representar a humanização de Deus, inaugura uma nova era, a da Lei da Graça que sucede à Lei da Natureza, personificada nos quatro Tempos e Jupiter, e à Lei da Escritura, veiculada por David.

Durante a sua vida, Gil Vicente voltará a este tópico em diversos autos de devoção, nomeadamente em *História de Deos: De lei d'escritura e lei natural \ já temos passados os mais principais \ venha a lei da graça por que os mortais \ alcancem a glória de sempre eternal*. No *Auto da Cananeia*, apresenta personificadas em figuras de pastoras as três leis que acabo de referir: *eu sam lei de natureza \ e hei per nome Silvestra (...) mas vejo em ti \ que tu és lei d'escritura (...) parece esta que cá vem \ lei de graça santa e benta*.

Nos seus autos anteriores, Gil Vicente tinha-se servido de figuras alegóricas que transmitiam a mensagem católica sem possibilidade de equívoco. Foram os casos de *Pastoril Castelhana*, *Reis*, *Martinho* e *Fé*. Os pastores ignorantes são evangelizados por figuras superiores a quem cabe o papel de revelar a verdade e propagar a doutrina. E é neste ponto que *Tempos* mais difere dos autos anteriores. Penso não se encontrar aqui uma doutrina, como quer fazer ver Manuel Delgado-Morales (1988) ao considerá-lo um *sermão alegórico representado*, pois falta-lhe o elemento da parábola que o sermão utiliza, mas sim um programa pedagógico que encontra na alegoria o veículo privilegiado para a transmissão de uma cosmogonia, já que este artifício retórico comporta em si aptidões ímpares para a teatralização de uma ideologia.

É assim que neste auto surgem as quatro estações em figuras de pastores. Simbolizam o mundo natural, o mais próximo e reconhecível pelos espectadores. Os versos que proferem dão conta do mundo rústico que Gil Vicente já tinha aproveitado em autos anteriores e seguem o modelo das écloas pastoris iniciado por Juan del Encina.

Censura

O auto foi pouco mutilado ou modificado pela censura na reimpressão de 1586. Braamcamp Freire (1919, 1944: 403) comparou as duas lições e concluiu que na segunda edição desapareceu a quarta estrofe da fala inicial do *Serafim* e as palavras *sin falta* na sétima estrofe da mesma fala, mutilando a métrica do verso *la gran princesa sin falta* e destruindo o esquema rimático da estrofe. Não consigo explicar o procedimento da Inquisição. A questão teológica sobre se a Virgem tinha ou não sido isenta do pecado original era de grande actualidade, e o o dogma só viria muito mais tarde. Mas admitindo que a tendêndia da ordem dominicana era a de recusar a preservação *ab initio* da Virgem, por que não terão sido cortados os versos da estrofe anterior, *vamos ver la sin mancilla \ vamos ver la preservada \ de pecado*? É bem possível que a estupidez inquisitorial não tivesse identificado a *princesa* dos versos com a Virgem Maria. Também não excluo a hipótese de se tratar de uma desatenção por parte do tipógrafo, que se terá esquecido de compor o verso inteiro. Finalmente, no primeiro verso da *volta* do *vilancete* cantado pelos *anjos*, a palavra *padre* foi substituída por *Dios*.

O assunto referido na estrofe desaparecida – o mistério da encarnação – já tinha sido trabalhado em *Pastoril Castelhana* (1502) numa estrofe de que foram suprimidos dois versos na edição de 1586, e em *Pregação* (1506), cujo texto foi integralmente excluído da segunda edição da *Copilaçam*.

Tempos

el infinito amador 016b
infinitamente amando
cosa amada
de infinito valor
supo dónde quiso cuándo
ser mostrada.
y el amor mediante
por do el amador y amado
son liados
es plantado en un infante
con el padre en un estado
concordados

Pastoril Castelhana

aquel niño es eternal 005b
invisible y visible
es mortal y immortal

*movible y inmovible.
en cuanto Dios invisible
es en todo al padre igual
menor en cuanto humanal
y esto no es imposible*

Pregação

*no quiero mover cuestión teologal
si otro respeto salvo encarnar
le hizo la humana natura tomar
o por qué no tomó natura angelical.
ni tomar cuenta al verbo eternal
si cuando encarnó se apartó del Padre
o si d'ab initio perservó su madre
ni quiero hablaros neste original*

252a

Texto do auto

A transcrição do texto é feita da edição fac-similada da *Copilaçam* de 1562, publicada pela Biblioteca Nacional de Lisboa em 1928. Os números e letras que se encontram na margem direita indicam os fólhos e as colunas da edição original.

015'

Esta seguinte obra se chama dos quatro tempos, foi representada ao mui nobre e próspero rei dom Manoel na cidade de Lisboa, nos paços d'Alcávea na capela de sam Miguel, per mandado da sobredita senhora sua irmã nas matinas do Natal.

016

Figuras do auto: Serafim, Arcanjo, Anjos, Verão, Inverno, Estio, Outono, Jupiter, David.

Entra o Serafim, dizendo ao Arcanjo e dous Anjos que vem com ele:

016a

*. Nuevo gozo nueva gloria
criada en el seno eterno
es llegada
gran mudanza gran victoria
por nuestro Dios sempiterno
nos es dada.
la clara luz anciana
mudada hecha moderna
en nuevo traje
y la bondad soberana
se alegra en la edad tierna
sin ultraje*

*nuestro gozo se acrecienta
nuestra gloria va pujando
neste día
y la infernal serpiente
ya privando va del mando
que tenía.
los secretos a brazadas
muy más que puedo deciros
revelados
las paces son acabadas
y los antiguos sospiros
son cesados*

*ya el mundo tenebroso
relumbra por las alturas
do salió
porqu'el obrador poderoso
exalzó las criaturas
que crió.
la clara obra infinita
infinitamente obrada
y obradora
quiso su bondad bendita
que fuese manifestada
nesta hora*

*el infinito amador
infinitamente amando
cosa amada
de infinito valor
supo dónde quiso cuándo
ser mostrada.
y el amor mediante
por do el amador y amado
son liados
es plantado en un infante
con el padre en un estado
concordados*

016b

*pues vámosle a ver nacido
veremos cómo está puesto
el infinito
de humana carne vestido
de huesos niervos compuesto
tamañito.
veremos cómo se muestra
recién nacido d'ahora
poco ha
veremos la reina nuestra
nuestra gran superiora
cual está*

*vamos ver pulchra y decora
cómo está clara y lumbrosa
descansada
vamos ver nuestra señora
la más bella y graciosa
desposada.*

*vamos ver la clara silla
eternalmente guardada
en alto grado
vamos ver la sin mancilla
vamos ver la preservada
de pecado*

*emperatriz soberana
de todo cuento del viso
angelical
reina del cielo a la llana
señora del paraíso
terrenal.
la gran princesa sin falta
deste valle lacrimoso
donde mora
la gran duquesa muy alta
de la paz y del reposo
desde ahora*

016c

*vamos ver con qué doncellas
con qué galas con qué arreos
la hallamos
la madre de las estrellas
cumbre de nuestros deseos
que esperamos.
lleguemos darle loores
vamos servir su alteza
esclarecida
que no terná servidores
según siempre amó pobreza
en esta vida.*

*Chegando todas quatro figuras o Serafim, Anjos e Arcanjo ao presépio,
adoram o Senhor cantando o vilancete seguinte:*

*. A ti dino de adorar
a ti nuestro Dios loamos
a ti señor confesamos
sanctus sanctus sin cesar*

*inmenso padre eternal
omnis terra honra a ti
tibi omnes angeli
y el coro celestial*

*pues qu'es dino de adorar
querubines te cantamos
arcángeles te bradamos
sanctus sanctus sin cesar.*

016d

*E despois da adoraçãO dos Serafins etc, vem os quatro Tempos, e
primeiramente vem um pastor que significa o Inverno, e vem cantando.*

Cantiga:

*. Mal haya quien los envuelve
los mis amores
mal haya quien los envuelve*

Fala:

*ora pues eya rabiar
grama de val de sogar
que ño ha hí pedernal
ni parejo de callentar.
vienta más recio que un fuele
de parte del regañón
enfríame el corazón
que ño ama como suele.*

Canta:

mal haya quien los envuelve

Fala:

*la lluvia cómo desgrana
doy a rabia el mal tempero
aquesto no llieva apero
para que llegue a mañana.
mal grado haya la nieve
que mis amores triste yo
cuando yo más firme está
no los hallo como suele.*

Canta:

mal haya quien los envuelve

Fala:

*las uñas trayo perdidas
los pies llenos de frieras
mil rabias de mil maneras
trayo en el cuerpo metidas
tengo el hielo en los huesos
muérenseme los corderos.*

Canta:

*los mis amores primeros
en Sevilla quedan presos
los mis amores
mal haya quien los envuelve*

<i>Fala:</i>	<i>oh qué fríasca nebrina granizo lluvia ventisco todo me pierdo a barrisco el cierzo me desatina mis ovejas y carneros de niebla no sé qu'es d'ellos.</i>	017a
<i>Canta:</i>	<i>en Sevilla quedan presos per cordón de mis cabellos los mis amores mal haya quien los envuelve</i>	
<i>Fala:</i>	<i>todo de frío parece las aves todas se fueron las más d'ellas se sumieron que nenguna no parece ni cigüeñas ni milanos ni patojas jirgueritos tórtolas y pajaritos.</i>	
<i>Canta:</i>	<i>y mis amores tamaños en Sevilla quedan ambos los mis amores mal haya quien los envuelve</i>	
<i>Fala:</i>	<i>hi de puta qué tempero para andar enamorado repicado y requebrado con la hija del herrero. los borregos de mis amos la burra hato y cabaña con la tempestad tamaña no sé adó los dejamos.</i>	
<i>Canta:</i>	<i>en Sevilla quedan ambos sobre ellos armaban bandos los mis amores mal haya quien los envuelve</i>	
<i>Fala:</i>	<i>quíerome echar a dormir ver si puedo callentar ora pues eya rabiar que no tengo de morir. por mal trajo que me des no m'ha de matar desmayo. oh quién m'ora ca mi sayo para cobrirme estos pies.</i>	017b

Verão cantando:

*. En la huerta nasce la rosa
quíerome ir allá
por mirar al ruseñor
cómo cantaba*

*Fala: afuera afuera ñubrados
nebrinas y ventisqueros
reverdeen los oteros
los valles sierras y prados
reventado sea el frío
y su ñatío.*

*Canta: salgan los nuevos vapores
píntese el campo de flores
hasta que venga el estío.
por las riberas del río
limones coge la virgo
quíerome ir allá
por mirar al ruseñor
cómo cantaba*

*Fala: suso suso los garzones
anden todos repicados
namorados requebrados
renovar los corazones.
ahora reina Cupido
des que vido
la nueva sangre venida
ahora da nueva vida
al namorado perdido.*

*Canta: limones cogía la virgo
para dar al su amigo
quíerome ir allá
para ver al ruseñor
cómo cantaba*

*Fala: cómo m'estiendo a placer
oh hi de puta zagal
qué tiempo tan natural
para no adolescer.
cuantas más veces me miro
y me remiro
véome tan quillotrado
tan llucio y bien asombrado*

017c

*Canta: que nunca lacer me tiro.
para dar al su amigo
en un sombrero de sirgo
quíerome ir allá
[para ver al ruiseñor
cómo cantaba]*

*Fala: las abejas colmeneras
ya me zñen los oídos
paciendo por los floridos
las flores más placenteras.
cuán granado viene el trigo
nuestro amigo
que pese a todos los vientos
los pueblos trae contentos
todos están bien conmigo*

*el sol que estaba somido
partido deste horizón
se sube a septentrión
en este tiempo garrido.
por eso vengo florido
engrandecido
dando mal grado a Enero
Géminis Toro y el Carnero
me traen loco perdido*

*hago claras las riberas
el frío hecho en las fuentes
el tomillo por los montes
huele de dos mil maneras.
la luna cuán clara sale
si me vale
tengo tres meses floridos
y después d'éstos complidos
es por fuerza que me calle.*

*Entra o Estio, ña figura muito longa e muito enferma, muito magra
com ña capela de palha, dizendo:*

*Estio . Terrible fiebre ifimera
hética y fiebre podrida
me traen seca la vida
acosándome que muera.
dolor de mala manera*

017d

*trayo en las narices más
no duermo noches ni días
ardo de dentro y de fuera*

*la boca tengo amargosa
los ojos trayo amarillos
flacos secos los carrillos
y no puedo comer cosa.
la sed es cosa espantosa
la lengua blanca sedienta
la cabeza m'atromienta
con callentura rabiosa*

*mi calma perseverada
mis días duran mil años
los calores son tamaños
que es cosa descompasada.
ell'agua toda ensecada
polvorosos los caminos
los melones y pepinos
hacen dolencia dobrada*

*Cáncer Virgo y el León
los resistros de mis días
saben las cóleras más
y las flemas cuántas son.
también saben la razón
daquesta mi callentura
y por qué quiere ventura
que tenga siempre sezón.*

Verão . *Oh hi de puta qué aseo
a qué veniste mortaja?
siempre vienes hacer paja
todo cuanto yo verdeo.
cómo vienes luengo y feo
y chamuscado el carrillo
seco flaco y amarillo
vestido de mal aseo*

018a

*oh mallogrado d'Estío
a qué vienes? vete vete
no estío mas hastío.*
Estio . *Calla calla verdolete
que bueno es el tiempo mío*

*porque asesa tus locuras
tus vanas flores y rosas
y otras cosas coriosas
que en ti no son seguras.*

- Verão . *Éste que viene quién es?*
Inverno . *El Otoño por mi vida.*
Outono . *Ora n'orabuena estéis.*
Verão . *Buena sea tu venida.*
Outono . *Todos juntos qué hacéis?*
Verão . *Yo bien tengo trabajado
y este cara d'ahorcado
me secó cuanto aquí veis.*
- Outono . *Ya todo está madurado
yo vengo coger el fruto.*
Verão . *Pues si tú no hallas mucho
este Estío lo ha estragado.*
Outono . *Muy bien está Dios loado.*
Inverno . *Abellotas no nacieron.*
Verão . *Muchas frutas se comieron
en estotro mes pasado.*
- Outono . *No quedó fruta ni nada
ni hojas no las verás
tú Verano de hoy a más
acógete a tu mesnada.
tú Estío a tu posada
cura bien tu callentura
que se viene la friura
ternás quartana doblada.*

Entra Jupiter e diz:

*. Oh tú gigantea diesa
delante la ligereza
de Boreas
toda la tierra atraviesa
da combate a la tristeza
do la veas.
di al resto de Eneas
prosperada Romulana
gran señora
que haga fiestas las peleas
pues que Latonio y Diana*

018b

hoy adora

*aclara Febo lumbroso
los pasos peligrantes
que camino
porque el tiempo mentiroso
de los dioses triunfantes
pierde el tino.
no se usará jamás
venerar templo a Diana
ni a Juno
ni se verá ni verás
estar Febrúa ufana
nel trebuno*

*ni Apolo se verá
ni los Bacos adorados
de romanos
ni el Himeneo será
padrino de los casados
persianos.
ni las ninfas agoreras
traerán aguas por ruegos
de las gentes
ni las hadas hechiceras
mostrarán fengidos fuegos
de serpientes*

*Enáyades y Dianas
las Príades cazadoras
y Neptuno
y las tres diosas troyanas
dejarán de ser señoras
de consuno.
y la Ramusa doncella
decida de su castillo
con ultraje
y todas éstas con ellas
darán al niño chequillo
el menaje*

*la nueva ifante Safós
sobió al monte Parnaso
con aliño
de traer en tierra Dios*

018c

*de los alpes en lo raso
hecho niño.
la cual ifante gloriosa
en la Castalia fuente
se bañó
porque siendo generosa
humildosa por el monte
se sobió*

*la muy oscura visión
de la cavierna saturna
con las vidas
de las hijas de Monjergón
y de la diesa noturna
son sumidas.
los veninos ponzoñosos
que de Medusa salieron
goteando
sus autos tanto dañosos
cuando tal misterio vieron
van cesando*

*la Echene venenosa
y aquella Estes laguna
infernenta
desd'ahora temerosa
está su boca importuna
de contenta.
creo que vio los bramidos
de los brejos ancianos
d'alegría
porque hoy son abatidos
los infernales tiranos
neste día*

*todos van hoy adorar
al criador poderoso
que es nacido
las aves con su cantar
y el ganado selvinoso
con bramido.
los salvaginos bestiales
con olicorne pandero
dan loores
y los brutos animales*

018d

*adoran aquel cordero
y los pastores*

*pues qué hacéis tiempos hermanos
descuidados del amor
del que nació
levantad todos las manos
vamos ver aquel señor
que nos crió.*

Inverno . *No decís se puedo yo
no veis qu'estoy regañado
del tempero.*

Verão . *Cuant'es yo sudando estó.*
Estio . *Fiebres me tienen cansado
pero no os diré de no
que verlo quiero.*

Inverno . *Oh Jupiter si en tu ventura
topásemos allá luego
holgaría.*

Jupiter . *Él criador y creatura
es el mundo y es el huego
y él lo envía.*

Estio . *Aquesta dolencia mía
le tengo d'encomendar
de corazón.*

Verão . *Yo cantaré d'alegría.*
Outono . *Comecemos a cantar
una canción.*

Até chegarem ao presépio vão cantando ãa cantiga francesa, e diz:

*. Hay de le noble
villa de Pariz.*

019a

Jupiter . *Alto niño en excelencia
yo vengo de las alturas
a te adorar
y traerte obediencia
de todas las criaturas
sin faltar.
de toda la redondeza
sin faltar digo nenguna
se ayuntaran
y adorar tu grandeza*

*tu divinidad sola una
me enviaran*

*Diana y Febo lumbroso
Mars Mercurio Venus Juno
donde moran
y Saturno venenoso
todos juntos de consuno
te adoran.
Castos y Polas juñidas
y todo el círculo galajo
y cristalino
y las Plíades locidas
te adoran en este bajo
de continuo*

*planetas fijas estrellas
y la estrella Orión
y la canina
la mayor y menor d'ellas
con inmensa devoción
se te inclina.
y el tu cielo etéreo
círculos y zodiaco
y Arturo sino
reconocen tu aseo
no según el cuerpo flaco
mas devino*

*el monte de Hipolmorea
y montañas de Cramelo
y Gelboé
y la montaña Erifea
alegres con mucho celo
las hallé.
el monte de Selmerón
y montañas de Efraín
y de Gualad
y las selvas de Frión
mandan adorar por mí
tu deidad*

*y el noble río Ganges
con oro piedras metales
y arboledas*

019b

*alegre claro y cortés
te ofrecen con sus iguales
cosas ledas.
Eufrates Tigre Guijón
con cosas muy olorosas
se te ofrecen
sin ninguna división
en fin que todas las cosas
te obedecen.*

Inverno . *Señor yo triste nací
y sin ventura ninguna
pues me criaste en fortuna
cual me soy yo veisme aquí.
con vientos muy fortunosos
y rabiosos
tempestades y tormentas
y con otras más afrentas
y tiempos muy peligrosos*

*con la noche me cobriste
y del día me quitaste
en tenieblas me formaste
esto es lo que me diste.
con todo esto que lloro
te adoro
con mi mísero temblar
y creo que has de juzgar
este mundo do me moro.*

019c

Verão . *Yo Verano tu vasallo
pues me das mejor estrena
quíerote dar cuenta buena
de las cosas qu'en mí hallo
y tu bondad las ordena:
hállome fresco y callente
los humores mucho sanos
de aves yerbas gusanos
desta manera siguiente*

*muchas grullas y cigüeñas
golondrinas y abubillas
palomas y tortolillas
picapuercos y garceñas
zorzales y avedueñas*

*codornices y gridañas
milanos y tantarañas
muchos gayos y pardeñas*

*y también los gusanitos
hormigas rubias y prietas
mariposas y veletas
centopeas y buercitos
caracoles y garlitos
moscas ratos y ratones
muchas pulgas a montones
y piojos infinitos*

*agriones y rabazas
apiopoleo pampillo
malmequieres amarillo
almirones y magarzas
florecitas por las zarzas
madresilva y rosillas
zasmínes y maravillas
rábanos coles y alfazas*

*puerros ajos y cebollas
mastuerzo habas hervejas
gravanizas granos lentejas
verdolagas y vampollas
mil yerbas frutas y follas
untsgina y catasol
y así hombre de prol
te doy gracias y grollas.*

019d

Estio . *Señor yo con mi dolencia
mis fiebles y mi flaqueza
me humillo a tu alteza
y adoro tu clemencia.
de la triste vida mía
dolentía
pues que te place con ella
quiero callar mi querella
sufriendo de día en día.*

Entra David em figura de Pastor, e diz:

David . *Pues los ángeles sagrados
y los tiempos y elementos*

*también hoy caramillos
dejen todos los ganados
los pastores muy contentos
silbemos demos gritillos.
y también quiero tocar
y cantar
con mi saltero alegrías
en tono de profecías
mientras me vaga lugar
y luego os adorar*

*levavi oculos meos
en los montes onde espero
a aquella ayuda que quiero
con ahincados deseos.
y la ayuda que demando
repastando
en soma daquesta sierra
qui fecit celum et terra
de cuyo ganado ando
careando*

*ecce non dormitabit
ni jamás el ojo pega
aquél que guarda y navega
Israel qui visitavit.
Dominus custodit te
a la hé
no temas cosa nenguna
de noche que haga luna
ni de día el sol que dé
non huret te*

020a

*Domine benedexisti
terram tuam y el ganado
y a Jacob descarriado
captivitatem advertisti.
al pueblo lleno de males
desiguales
remisisti iniquitatem
que te adoren y te acaten
los consejos y jarales
y animales*

nuestra roña amara triste

*de los pueblos apartaste
iram tuam mitigasti
et furorem advertisti.
per ventura te pergunto
si barrunto
in eternum irascaris
no creo según quien eres
que hagas al pueblo junto
ser defunto*

*benedicid todas las obras
del señor al señor Dios
benedicid ángeles vos
benedicid cielos mil sobras
benedicite aque omnes
y dracones
benedicite sol y luna
tempestades y fortuna
benedicid a Dios varones
con canciones*

020b

Adora o presépio.

*no te trayo otro presente
quoniam si voluisses
sacrificium darlo hía
pero no hieres placiente.
por ofertas que aquí vieses
ni te causan alegría
sacrificium deo es
el espíritu atribulado
y el corazón contrito
el cual pido que me des
andando con mi ganado
por el tu poder bendito.*

*E todos assi juntamente com Te Deum laudamus, se despediram e deram
fim a esta representação.
Laus Deo.*

Referências

Eugenio Asensio

- 1949 «El Auto dos Quatro Tempos de Gil Vicente»
Revista de Filología Española 33
350-75
1974 segunda edição
Estudios Portugueses
Paris: Gulbenkian
79-101

Manuel Delgado-Morales

- 1988 «Alegoría y tropología en tres autos de Navidad de Gil Vicente»
Bulletin of Hispanic Studies 65
39-48

Anselmo Braamcamp Freire

- 1919 *Vida e Obras de Gil Vicente «Trovador, Mestre da Balança»*
Porto
1944 segunda edição
Lisboa: Ocidente

Mário Martins

- 1971 *Guia Geral das Horas del-rei D. Duarte*
Lisboa: Brotéria
1982 segunda edição
Lisboa: Brotéria

António José Saraiva

- 1942 *Gil Vicente e o fim do teatro medieval*
Lisboa
1981 terceira edição
Lisboa: Bertrand

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

- 1923 *Notas Vicentinas 4. Cultura intelectual e nobreza literária*
1949 *Notas Vicentinas*
Lisboa: Ocidente